

A Amazônia continua sendo terra cobiçada, terra – segundo alguns – a ser colonizada e explorada para garantir o progresso da nação.

Não raro, estamos ouvindo políticos e empresários esbravejar contra a imensidão de terra reservada aos índios, contra as leis de proteção ambiental, contra as ONGs que, com a desculpa de proteger os direitos dos povos da floresta e do ambiente, estariam defendendo interesses internacionais, impedindo o desenvolvimento e o crescimento da região.

Ao mesmo tempo, as mineradoras – estas, sim, a serviço do capital internacional – violam as ricas entranhas desta terra, poluindo nossas águas; famintas madeiras, asiáticas e não, feitas gigantescos gafanhotos, acabam com nossas árvores e dezenas de milhares de hectares de floresta e de cerrado são substituídos por soja ou eucalipto, sempre inexoravelmente exportados.

Com a desculpa de oferecer empregos a uma população miserabilizada pela política econômica de subserviência dos nossos governos, em troca de umas migalhas compensatórias e com uma nova fachada ecologicamente correta, os grandes projetos apresentam-se como salvadores do povo e única garantia de desenvolvimento.

Os resultados costumam ser bem diferentes das promessas!

Esta realidade nos desafiou a reler a Bíblia.

Com fadiga saiu este número de Estudos Bíblicos. São dez ensaios, nove deles produzidos por gente que vive na Amazônia. Dos doze autores/as, onze são católicos, nove são religiosos ou religiosas, nove são estrangeiros/as, sete são homens e cinco são mulheres. Esta realidade influencia o escrito, o pensamento e até a gramática: um caleidoscópio!

Vários autores/as fizeram do livro do Apocalipse a referência de suas reflexões. Isso não foi planejado. A aparente repetição, talvez, nos ajude a recuperar a importância e atualidade deste livro, para as nossas comunidades e para as nossas vidas de militantes.

***Rebecca e Nello**, históricos companheiros de caminhada dos povos indígenas do Norte, refazem a história trágica e assustadora de um extermínio lento, planejado e inexorável de povos inteiros, em nome do progresso. Um holocausto de milhões, que ainda não entrou para os livros, nem incomoda as consciências das grandes nações.*

A partir disso, relêem os desafios, antigos e novos, enfrentados por estes nossos irmãos, menores em número, mas maiores nas lições que nos dão, quando conseguem

resgatar, apesar dos massacres físicos e ideológicos que duram há 500 anos, seus valores mais profundos e verdadeiros.

A luz do Apocalipse, livro sempre novo da resistência e da esperança, para aqueles que querem enfrentar os dragões e as feras, ilumina estas reflexões.

Uma poesia metáfora de Elizabeth Rondon nos ajuda a entrar mais ainda na riqueza das culturas indígenas, tão próximas à cultura da Bíblia.

Dirk Oesselmann, luterano que trabalha em Belém, fixa seu olhar sobre a resistência do movimento popular diante da arrogância dos grandes megaprojetos, como ele os chama, usando uma significativa redundância. Descobre no ecumenismo uma força e uma fonte de esperança. O ecumenismo não se apresenta como uma nova denominação religiosa, mas representa um despertar de cristãos pelo compromisso com a dignidade da pessoa e com a justiça social. Percebe-se a importância de um projeto comum de justiça e dignidade global para os dias de hoje a partir do paradigma Terra = casa comum.

Como exemplo prático disto, Dirk trabalha quatro pequenos textos bíblicos, aprofundando sua dimensão ecumênica.

Jacir de Freitas trabalha em Minas Gerais, mas foi convidado neste mutirão conosco, pelo seu amor à Bíblia, à terra e ao povo da terra. Ele nos brinda com um excursus sobre a resistência indígena em Minas Gerais. E, a partir daí, ele trabalha três mitos de dilúvio: o mito dos índios Maxakali, o mito bíblico e o mito babilônico.

O mito dos Maxakali mostra que Topá é a salvação quando todos procuram viver na harmonia e partilha dos bens. O dilúvio só ocorre quando isso é quebrado.

O mito do dilúvio nos coloca na perspectiva do re-humanizar o humano e do re-habitar a terra. Isso só será possível quando humanos, animais e natureza voltarem a viver em harmonia. Nada e ninguém se salvará sozinho. Ou nos salvamos todos ou morreremos todos: ricos e pobres.

Na ciranda dos grandes projetos urge recriar, retomar a esperança, mesmo que seja a de um pequeno projeto.

Cláudio Dalbon trabalha em Manaus, lá onde as águas do Solimões e do Rio Negro se encontram para gerar o Amazonas. Seu estudo bíblico trabalha a antítese entre o projeto de Babel e o de Abraão. Os homens querem conquistar o céu, construindo um império com cidade e torre, e manter-se unidos nesta globalização. É preciso que Javé intervenha, descendo profeticamente e confundindo essa linguagem mítica da globalização imperial. A intervenção de Javé que desce e confunde o mito de Babel se realiza historicamente no chamado de Abraão a migrar para carregar a bênção divina e tornar possível uma nova experiência de humanidade e formar o verdadeiro Povo de Deus.

No caminho rumo à terra, junto com a mulher estéril, os sobrinhos órfãos agregados ao clã, os poucos pertences, o grupo de Abraão passa pelo deserto da resistên-

cia, pela alternativa de caminhos e de projetos que não são controlados pelo sistema globalizante.

Num segundo momento, a partir de um texto recente de Comblin, Cláudio conclui, com a mesma força do Apocalipse: “sai de Babel, meu povo. Toma o caminho de Abraão, vai para a terra que eu te indicar, pois esta terra darei à tua descendência; esquece o programa neoliberal, as privatizações, a volatilização do capital financeiro, o jogo sujo para aumentar os capitais e gerar riqueza virtual, uma riqueza de papel que na realidade sacrifica bilhões de seres humanos.”

As irmãs Jane e Kátia há anos convivem com as nossas comunidades, em especial, da Transamazônica. Amigas dos homens e mulheres que lá vivem, refletem conosco sobre a resistência e a mística que sustentam o povo, no meio de tantas dificuldades, fracassos, ilusões, tentações.

Com o filtro de Dt 11, elas relêem a história do movimento popular e nos revelam que, seja qual for o lugar e a dificuldade, a mística é sempre a mesma, gerada pela própria comunidade que resiste e caminha, com fé em Deus, que foi, é e será para sempre o Deus dos fracos, dos pobres, dos oprimidos.

Neste trabalho Bíblia e vida se misturam, Palavra da Bíblia e Vida do Povo, de homens e mulheres que escrevem, hoje, nos travessões da Transamazônica, esta mesma Palavra e ensaiam, de novo, o Projeto.

Sandro e Ana Maria, mais uma vez juntos, voltam a um texto por eles já trabalhado: as palavras da Coélet. É em companhia dela que buscam a ironia que permite sobreviver, não só fisicamente, mas também ideologicamente, à opressão implantada, desde então e até hoje, pelos projetos de exploração, nesta terra que era pra ser farta e boa para todos. Escreveram estas páginas sob a pressão de semanas, de meses de trabalho duro, no enfrentamento de 3 grandes projetos, em implantação no Amapá, nos últimos anos: dois de mineração e um de reflorestamento. Todos de multinacionais, todos altamente agressivos, ao povo e ao meio ambiente. Todos altamente lucrativos, para as empresas.

Contradizendo a versão “oficial” sobre Salomão em Reis e Sirácida, Coélet afirma que tudo o que é mais salomônico – sabedoria, obras, prazeres e riquezas – é “ vaidade”, fumaça, um nada. Tudo recebe, por parte da Coélet, este selo identificador, uma espécie de ISO 9.000 ou de ISO 14.000¹ da burrice mais hedionda e conclui que “não há outro bem para o homem além de comer, beber e gozar do fruto de seu trabalho”.

É a sabedoria do nosso índio, é a sabedoria do nosso negro, é a sabedoria do nosso caboclo. É a sabedoria da viúva de Sarepta, da mulher siro-fenícia, de nossas mães, de tantas mulheres que sabem que o que conta é uma mesa farta, uma casa limpa e tanta alegria.

1. ISO 9.000 e ISO 14.000 são critérios de certificação de qualidade ambicionados pelas empresas.

Sandro escreve, também, sobre Mateus. Algumas parábolas deste evangelho falam de reis, de grandes fazendeiros, donos de terras e empregadores de muita gente. Como trabalhar estas páginas numa realidade como a nossa, marcada pela violência do latifúndio e pela luta pela terra? Como trabalhar estas páginas com um grupo de sem-terra? Como descobrir uma boa-nova em textos onde se fala – e até bem – da atitude do “dono”, mas nunca se põe em discussão o fato que seja dono?

Sandro parte, então, dos sujeitos das parábolas e assim reflete. Nas parábolas em que o sujeito é “um certo fulano”, Mateus trabalha a dimensão missionária de quem se põe incondicionalmente a serviço do Reino. Quando o sujeito é o “chefe da casa”, Mateus quer que olhemos para a prática de nossas comunidades e destaca a necessidade da tolerância, a solidariedade entre os “servos” e o valor da necessidade das pessoas acima da produção do campo. As parábolas do “Rei” apontam para a dimensão escatológica. Uma escatologia, porém, que nos devolve, sempre, para a quotidianidade de nossa história presente: na casa, nas bodas, no reino vai entrar quem tiver se solidarizado com um dos “meus irmãos mais pequeninos”.

Francisco Rubeaux, estudioso dos escritos de João e incansável animador bíblico das comunidades do Norte, nos mostra como os impérios trazem dentro de si sua própria destruição.

A partir do capítulo 18 do Apocalipse, ele nos mostra que o desafio é não cair nas ciladas e ilusões de força e poder das bestas imperiais, que se renovam a cada etapa da história, mas conseguir resistir na vivência de algo alternativo e novo, com fé na vitória final, que será do Cordeiro e de seus seguidores!

Desmistificar não significa negar, iludir e fazer acreditar que essa realidade não existe. Os impérios existem, sim, e como! Mas não têm todo esse poder que eles mesmos se atribuem e que nós muitas vezes ratificamos pelas nossas atitudes de submissão covarde. Todos eles passarão, só Deus não passa.

Arlindo Moura, amigo e companheiro de Francisco, debutante na revista, completa a reflexão a partir do capítulo 13 do Apocalipse, e desmascara a falsidade e as ilusões que as bestas e as bestinhas de ontem e de hoje carregam em si, para se perpetuar e consolidar seu poder.

Todas as características da besta são trabalhadas por ele em seu imaginário simbólico. Ser comparável à Besta é tornar-se igual a ela. É reproduzir, cegamente, todas as suas ações tendo-a como modelo e guia. É, em outras palavras, ser escravo dela. Estas são as características da Besta reveladas por João. Ele chama a atenção para o tipo de poder do qual é portadora: violento, odioso, sutil e escravizador.

Diante de um poder tirânico, que usa de todos os artifícios para se manter, a tendência é sempre se abater. Mas João é um dentre aqueles que não está disposto a desistir. Ele acredita que esse poder, por sua forma de agir, não irá muito adiante. A Besta é um mero sistema humano, dirigido por humanos e pode ser destruído, derrotado, desde que se tenha a consciência e a coragem para enfrentá-la, fortalecidos pelo Plano de Deus.

No fim deste número, **Tea Frigerio** nos convida a caminhar pelo evangelho de João e por outros textos, nas pegadas-rastrós das mulheres que se encontraram com Jesus, tendo o corpo das mulheres, com seus ritmos e seus fenômenos, como paradigma do anúncio e dos sinais de Jesus: um desafio às Igrejas, a todos e todas nós a sermos mais acolhedoras/es da vida, mais atentas aos sinais que vêm de nós, de nossos corpos, de nossas vidas.

Este número de Estudos Bíblicos é para **Eliska Anna Durovec**, missionária de Notre Dame, morta na Transamazônica, e para **Santiago Cimarro Olabarri**, missionário Xaveriano, morto nas águas da Aldeia Kaiapó.

A vocês, sementes de solidariedade, plantadas nas estradas e nos rios da Amazônia, nos meses em que este número estava sendo preparado, dedicamos estes estudos e nosso compromisso de continuar a caminhar, na solidariedade, com estes povos.

Sandro Gallazzi
e Anna Maria Rizzante Gallazzi